

CONHECER O NOME É CONHECER A ALIANÇA - UMA EXEGESE TEOLÓGICA E CULTURAL

KNOWING THE NAME IS KNOWING THE COALITION - A THEOLOGICAL AND CULTURAL EXEGESIS

 <https://doi.org/10.63330/armv1n6-021>

Submetido em: 20/08/2025 e Publicado em: 25/08/2025

Nilton da Rocha Lima

Mestrado em Teologia com ênfase em Adm. Eclesiástica

Instituição Gamaliel

Pós em Docência Superior. Universidade Candido Mendes.

E-mail: prof.rochalima@gmail.com

RESUMO

O presente estudo, intitulado “CONHECER O NOME É CONHECER A ALIANÇA”, investiga a centralidade dos nomes de Deus na tradição judaico-cristã como elementos estruturantes da identidade espiritual, cultural e litúrgica contemporânea. Fundamentado em fontes bíblicas, exegese do hebraico bíblico e análise sociocultural, o projeto parte da premissa de que os nomes divinos tais como Elohim, Adonai, El Shaddai e Adonai Tzva’ot — entre outros — revelam não apenas atributos teológicos, mas são também dispositivos relacionais que estabelecem uma ponte relacional entre o cristão e o Eterno. A metodologia adotada foi qualitativa, com observação participante em contextos eclesiais, entrevistas informais, análise de conteúdo e aplicação de um questionário diagnóstico. Os resultados evidenciam uma disparidade entre o crescente interesse das lideranças em aprofundar seu conhecimento sobre os nomes sagrados e a limitada oferta de formação nesse campo por parte das lideranças religiosas e professores. Aponta-se ainda a superficialidade litúrgica generalizada e a empobrecimento da experiência espiritual decorrente da negligência no ensino do nome de Deus em sua forma original. A discussão teórica, ancorada em autores como Geertz, Hall e Halbwachs, revela que o nome, na cosmovisão bíblica, é expressão do caráter e da presença divina. Conclui-se que o resgate pedagógico e teológico desses nomes é urgente e estratégico para a revitalização espiritual nas comunidades cristãs, especialmente no que se refere à formação bíblica, à adoração significativa e à identidade relacional com o Deus da Aliança.

Palavras-chave Nomes de Deus; Identidade espiritual; Hebraico bíblico; Teologia relacional.

ABSTRACT

The present study, entitled "Knowing the name is knowing the alliance", investigates the theological, cultural, and liturgical significance of the Divine Names within the Hebraic-Christian tradition as foundational elements of spiritual and communal identity. Grounded in biblical sources, Hebrew philology, and socio-cultural analysis, the research assumes that the Divine Names—such as Elohim, YHWH, El Shaddai, and Adonai Tzva’ot—are not merely titular designations, but revelatory constructs that mediate relational intimacy between God and His people. Employing a qualitative methodology, the study incorporated participant observation in ecclesial settings, informal interviews, content analysis, and the application of a diagnostic questionnaire. The findings reveal a marked disparity between the increasing interest of believers in the deeper meanings of the Divine Names and the insufficient pedagogical response from religious leadership. Furthermore, the research highlights a widespread liturgical shallowness and a theological deficit resulting from the neglect of teaching the original linguistic and covenantal dimensions of God's Name. The theoretical framework, supported by scholars such as Clifford Geertz, Stuart Hall, and



Maurice Halbwachs, affirms that within the biblical worldview, the Name (shem) encapsulates essence, character, and covenantal presence. The study concludes that reclaiming the pedagogical and theological significance of the Divine Names is both urgent and strategic for the spiritual revitalization of Christian communities, particularly regarding biblical literacy, authentic worship, and covenantal identity with the God of Israel.

Keywords: Divine Names; Spiritual Identity; Biblical Hebrew; Relational Theology.



1 INTRODUÇÃO

Esse estudo insere-se em um contexto acadêmico de grande relevância, buscando explorar as interseções entre história, cultura e identidade social sem esquecer-se do universo de “igrejas e seminários teológicos”. Este estudo visa não apenas compilar os nomes de Deus, os quais desempenham papel crucial na comunicação litúrgica e devocional. Eles não apenas identificam, mas também estabelecem conexões culturais e sociais e com implicações espirituais profundas. Ao chamarmos alguém pelo nome, nós personalizamos a interação, demonstramos respeito e identificação.

Desde os tempos mais remotos, a relação entre identidade cultural e práticas sociais tem sido um campo vasto de estudo, despertando interesse tanto no âmbito acadêmico quanto em comunidades locais, menos nos ambientes de seminários e igreja. A relevância do livro "QUANDO CLAMARES O MEU NOME EU OS OUVIREI DOS CEUS", de ROCHA LIMA, Nilton da, nos desafia a considerar o papel da memória coletiva na formação do tecido social e eclesial contemporâneo.

1.1 APRESENTAÇÃO DOS OBJETIVOS DO CAPÍTULO DE LIVRO

Os objetivos são diversos, citando: primeiramente, oferecer uma visão abrangente sobre os principais nomes de Deus e a profundidade judaico-cristã. Em segundo lugar, busca-se analisar as metodologias empregadas para o estudo dessas interações, destacando tanto as abordagens qualitativas quanto quantitativas. Finalmente, ampliar a proposta deste documento, abordando as implicações sócias cultural desse campo de estudo para nossa compreensão atual sobre identidade espiritual e relacional com o Eterno Deus e o seu “povo” na perspectiva do “uso do nome”.

1.2 ESTRUTURA DO CONTEÚDO ABORDADO

A estrutura do presente estudo está organizada de maneira a facilitar a compreensão progressiva dos conteúdos. Após esta introdução, o capítulo de Desenvolvimento será apresentado, subdividido em seções que abordarão aspectos essenciais do estudo. A conclusão oferecerá um resumo das reflexões apresentadas, enquanto a seção de Referência Bibliográfica reunirá todas as fontes que fundamentaram a pesquisa, devidamente formatadas conforme as normas da ABNT. Ao longo do estudo, citações diretas e indiretas estarão normalizadas para assegurar a clareza e a credibilidade das informações apresentadas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL E COMUNITÁRIO

Esse estudo projeta luz sobre um vasto cenário histórico-cultural romano, destacando a complexidade inerente às relações entre identidade, tradição e modernidade. As origens desse campo de estudo remontam a tempos imemoriais, quando as primeiras sociedades começaram a se formar, unidas por



laços culturais e religiosos que transcenderam gerações. Tais sociedades, ao se consolidarem, possibilitaram o surgimento de diversas práticas culturais que ainda hoje influenciam a vida moderna. Na maioria das culturas, os nomes estão entrelaçados com a história e a tradição. Por exemplo, na cultura africana, muitos nomes são dados com base em circunstâncias de nascimento ou homenagens a ancestrais.

Este fenômeno é particularmente visível nas religiões sincréticas da América Latina, onde crenças africanas e indígenas se amalgamaram com o cristianismo europeu (Costa, 2018). Essas fusões enriqueceram a identidade cultural local, criando novas formas de expressão que refletiam a realidade dos povos oprimidos e a resistência cultural diante de contextos adversos.

2.1.1 Explorando as origens e a significância histórica da disciplina

Historicamente, a identidade cultural sempre desempenhou um papel central na formação das sociedades, servindo como alicerce básico para a coesão social e o desenvolvimento coletivo. Muitas dessas tradições culturais estão profundamente enraizadas nas narrativas orais, mitos e lendas, que são transmitidos de geração em geração. Estudos revelam que esses elementos contribuem para a manutenção da memória histórica e para o fortalecimento do senso de pertencimento comunitário (Silva, 2020).

2.1.2 A influência cultural e social

Além disso, a interação de diferentes culturas ao longo das migrações e intercâmbios socioculturais resultou em uma rica tapeçaria de influências mútuas, promovendo o sincretismo cultural. Em muitas sociedades ocidentais, os nomes também refletem heranças familiares e podem influenciar percepções sociais. O significado cultural que um nome carrega pode solidificar laços entre indivíduos e suas comunidades. Muitos conhecem a Deus pelos nomes mais comuns, mas poucos se aprofundam nas riquezas ocultas que cada um desses nomes carrega. Cada título divino revela uma faceta única do caráter do Eterno e nos convida a conhecê-lo de maneira mais íntima. Este estudo é um convite para essa jornada transformadora. Do livro "QUANDO CLAMARES O MEU NOME EU OS OUVIREI DOS CEUS".

No contexto da globalização, no entanto, surgem novos desafios para a preservação dessas tradições culturais. A aceleração das trocas culturais e a homogeneização imposta por correntes culturalmente dominantes ameaçam a sobrevivência de práticas e saberes locais. Nesse sentido, faz-se necessário um esforço conjunto entre governos, organizações não governamentais e comunidades para preservar esse patrimônio imaterial. Estudos sugerem que políticas públicas de promoção cultural e social são essenciais para garantir a perpetuação das tradições (Mendes, 2021).



2.2 PORQUE O NOME DE DEUS É IMPORTANTE

No livro do profeta Ezequiel 39.7 Deus, expressa que fará conhecido o “Seu nome” santo no meio do Seu povo Israel e não permitirá mais que Ele seja profanado. As nações (gentios) reconhecerão que Deus é o Santo em Israel. Isso destaca a santidade e a soberania divina, enfatizando que as nações serão testemunhas disso. A ideia central é a restauração da santidade divina e o reconhecimento universal Dele e do seu nome como o Santo em Israel.

Qual a responsabilidade do Sistema Religioso quando não se ocupa ou ignora o ensino dos seus diversos nomes?

2.2.1 Estudos e teorias existentes sobre o tema abordado

- Ele pode perder a oportunidade de revelar profundamente o caráter divino e a natureza de Deus. Os seus nomes, como Adonai, Elohim, Yehová Jireh, entre outros, são expressões que descrevem diferentes atributos e ações de Deus, permitindo que os cristãos se conectem mais intimamente com Ele nessa contemporaneidade.
- Falta de compreensão do caráter divino: Os nomes de Deus revelam sua santidade, amor, justiça e misericórdia. Sem essa compreensão, a adoração e a oração podem ser menos ricas e significativas.
- Desconexão espiritual: Invocar um nome específico pode ajudar as comunidades a experimentar aspectos particulares da natureza divina, como paz ou força, em momentos de necessidade.
- Perda de identidade espiritual: Conhecer os nomes de Deus ajuda e acrescenta as comunidades a se identificar com o caráter divino e a viver de acordo com ele.

Portanto, a igreja, seminários afins precisam despertar para a importância de ensinar esses nomes para enriquecer a vida espiritual do seu capital eclesial. E não é só. Vejamos:

O precioso texto extraído do livro Isaías: "Portanto, o meu povo saberá o meu nome; por esta razão naquele dia; porque sou eu quem fala: **Eis-me aqui**." Hebraico: הַנִּינִי: הַמְדַבֵּר אָנֹכִי כִּי הוּא בַיּוֹם שְׁמִי עִמִּי יָדַע לָכֵן. Transliteração: Lachen yeda' ammi shemi bayom hahu, ki ani hamdaber, **hineni**.

1. “Eis-me aqui”

- O que o profeta quis dizer. No cenário histórico de Isaías 52, o povo de Israel estava prestes a experimentar uma libertação do exílio babilônico, um tempo de grande sofrimento, dispersão e humilhação. Isaías profetiza uma restauração — não apenas geográfica, mas espiritual e identitária.



- A menção de "saber o meu nome" não se refere a mero conhecimento fonético, mas a um reconhecimento profundo da natureza, caráter e fidelidade de Deus. No mundo semita, o nome (שֵׁם - shem) carrega a essência da pessoa. Logo, saber o nome de Deus era redescobrir Sua presença, Sua promessa e Seu propósito para o povo.
- O politeísmo era reinante. Nesse tempo, Israel estava cercado por nações pagãs, onde os nomes dos deuses representavam poderes específicos. O Eterno Deus estava declarando que Ele é único, soberano e pessoalmente envolvido — por isso conclui com: "Hineni" — "Eis-me aqui!", uma expressão de presença ativa.

Comentário rabínico (Rashi): "O nome do Santo, Bendito seja Ele, será conhecido e reconhecido pelo Seu povo quando Ele os redimir e cumprir Suas promessas."

2 Por que Deus quis que Israel conhecesse Seu nome? (A revelação do nome de Deus sempre esteve associada à aliança, intimidade e autoridade.)

Motivos principais:

- Restauração da identidade do povo. Israel, exilado, confundido e oprimido, precisava ser lembrado de quem Deus é — e quem eles eram para Ele. "Eu sou o Senhor vosso Deus que vos tirei da terra do Egito" (Levítico 26:13) — o nome de Deus era o selo da libertação e identidade nacional.

Diferenciação das divindades falsas

- Conhecer o verdadeiro Nome de Deus era resistir à assimilação com os povos idólatras. Enquanto os deuses pagãos tinham nomes segmentados e regionais, יהוה era universal, eterno e autoexistente (cf. Êxodo 3:14, Ehyeh-Asher-Ehyeh).

Chamado à confiança e adoração genuína

- Deus queria que Seu povo invocasse o Seu nome com entendimento — não apenas tradição. Saber o nome significava acessar Sua presença (cf. Salmo 9:10: "Os que conhecem o teu nome confiam em ti...")

3 Relevância para as comunidades eclesiais hoje (Conhecer os nomes é conhecer o caráter de Deus)

- Cada nome revelado na Torá ou nos Profetas manifesta um atributo relacional de Deus:

Adonai Roféka – O Senhor que cura

El Shaddai – O Deus Todo-Poderoso

Adonai Tsidkenu – O Senhor, nossa justiça

Conhecê-los é sair da superficialidade e entrar na profundidade do relacionamento com Deus.

Reforça a fé em tempos de crise.



- Assim como o povo no exílio precisava saber que “Hineni” — Deus estava presente, a igreja em meio às guerras modernas, crises morais e espirituais precisa se lembrar de quem Deus é.

Enriquecimento da teologia e adoração

- A liturgia cristã contemporânea muitas vezes se distancia das raízes hebraicas. Retomar os nomes de Deus:

Enriquece os cânticos

Eleva os estudos bíblicos

Nutre uma adoração mais bíblica e reverente

Inspira missão e proclamação

- Saber os nomes de Deus é um convite à proclamação. Como diz o salmista: “Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos as suas maravilhas” (Salmo 96:3)

Fortalece a identidade espiritual do capital cristão

- Assim como Israel se reconectou com sua essência ao saber o nome de Deus, os crentes redescobrem seu lugar na aliança, na missão e na família de Deus. Quem conhece os nomes de Deus, carrega responsabilidade de manifestar quem Ele é.

Isaías 52:6 é um grito profético de restauração. Deus não deseja ser apenas temido ou mencionado; Ele deseja ser conhecido pelo nome — um nome que cura, liberta, conduz, protege e salva.

- Conhecer os nomes de Deus é mais do que informação. É transformação.
- “Eles saberão o meu nome...” — Isso é intimidade.
“...sou eu quem fala: Hineni” — Isso é presença.

O livro "QUANDO CLAMARES O MEU NOME EU OS OUVIREI DOS CEUS". enfatiza também a importância das práticas rituais como uma forma de reforçar laços comunitários e afirmar identidades culturais, Festas Bíblicas e celebrações marcadas como “estatuto perpétuo” funcionam como momentos de renovação simbólica, onde os valores e as histórias do grupo são celebrados e reafirmados. Tais eventos fortalecem a coesão social, funcionando como baluartes contra a fragmentação e a dissolução cultural (Gomes, 2019).

Os nomes desempenham um papel crucial na comunicação humana. Eles não apenas identificam, mas também estabelecem conexões culturais e sociais. Ao chamarmos alguém pelo nome, nós personalizamos a interação, demonstramos respeito e identificação.

Durante o período colonial, muitos grupos enfrentaram a supressão de suas práticas culturais, uma vez que os colonizadores frequentemente impunham suas próprias tradições e crenças. Este processo de dominação cultural, contudo, não foi total. O espírito de resistência dos povos subjugados levou à emergência de novas formas de expressão cultural híbrida, que incorporavam elementos das culturas



dominantes enquanto preservavam o âmago das tradições nativas. Em diversas culturas, o nome é associado a significados e valores que vão além da mera designação, funcionando como um símbolo de identidade e pertencimento.

Em conclusão, o estudo do contexto histórico e cultural revela a profundidade das interações culturais espirituais e sua importância na construção das identidades coletivas e eclesiais. Ele nos desafia a reconhecer os impactos das forças históricas no mundo contemporâneo e a valorizar a diversidade cultural como um recurso vital para o enriquecimento humano, sem, contudo atentar para os nomes de Deus. As tradições culturais permanecem como um testemunho poderoso da jornada histórica dos povos, lembrando-nos constantemente da importância do diálogo, da tolerância e da coexistência pacífica em um mundo cada vez mais interconectado.

2.3 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão de literatura destaca uma gama de pesquisas e teorias que buscam entender a complexidade das relações culturais, sociais e religiosas no desenvolvimento das sociedades humanas nos seus contextos. Este campo de estudo é ricamente apoiado por acadêmicos de diversas áreas, incluindo antropologia, sociologia, história e estudos culturais e religioso, cada um contribuindo com perspectivas únicas que aprofundam a compreensão das dinâmicas culturais. Naquilo que se fundamentam o “uso do nome”, em seus diversos cenários, quer sejam social, culturais, religiosos etc. Não esquecendo porém, que o próprio Deus (Elohim), na fundação: “Havendo pois o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou (deu nome), a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.”

Um dos principais conceitos abordados na literatura é o de identidade cultural, que se refere ao sentimento de pertença a um grupo ou cultura específica, caracterizado por valores, crenças, comportamentos e tradições compartilhados. Segundo Hall (1997), a identidade cultural é uma construção social, que está em constante transformação e é influenciada por contextos históricos e políticos. Esse conceito é central para esse estudo, pois oferece uma base teórica para entender como as comunidades negociam a sua identidade frente às mudanças sociais e culturais.

A literatura também destaca a importância das narrativas orais na preservação das tradições culturais. As histórias contadas de geração em geração são essenciais para a manutenção do conhecimento e para a construção da memória coletiva. De acordo com Vansina (1985), as tradições orais são uma forma vital de historiografia, especialmente em culturas onde a escrita chegou tardiamente. As narrativas orais funcionam como um elo entre o passado e o presente, permitindo que a história dos povos seja transferida através das gerações, onde os nomes têm funções preponderantes.



Em muitas sociedades ocidentais, os nomes também refletem heranças familiares e podem influenciar percepções sociais. O significado cultural que um nome carrega pode solidificar laços entre indivíduos e suas comunidades.

A literatura sugere que embora a globalização tenha possibilitado maior troca cultural e a emergência do multiculturalismo, ela também representa uma ameaça à diversidade cultural, pois promove valores e práticas dominantes em detrimento das tradições locais (Barber, 1995).

E isso pode causar um impacto na adoração como chamar a Deus pelo seu nome em práticas de adoração intensifica a conexão espiritual. Para muitos, isso representa um reconhecimento da presença e da autoridade divina, fortalecendo a fé e a devoção durante rituais.

De contínuo, e focalizando a importância do “nome” no contraste sócio cultural. O que o salmista quis dizer no contexto do tempo e do espaço ao mencionar Salmos 91.14. "Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; protegê-lo-ei, porque conhece o meu nome." Transliteração: “Ki vi chashaq va'afaltehu, asaggevehu ki yada' shemi.”

Declaração poética de confiança absoluta em Deus

- “Porque a mim se apegou com amor” — Chashaq (כַּשְׁחָק) é uma palavra rara, mais profunda que “amar” (ahav), expressando um desejo intenso, uma ligação profunda de alma.
- “Porque conhece o meu nome” — Novamente, não se trata de saber como se pronuncia, mas de reconhecer quem Deus é, confiar em Seu caráter, e andar em aliança com Ele.

No mundo bíblico, conhecer o nome é o mesmo que invocar, honrar, viver em resposta a esse nome. Midrash Tehillim (Salmos Rabínico) comenta que: “Aquele que conhece o nome de Deus, conhece a Sua misericórdia, Sua justiça e Sua fidelidade. E por isso, Deus o chama para perto, como um pai chama o filho que lhe conhece o coração.”

Por que e quem Deus contemplou por conhecer Seu nome

Quem é essa pessoa?

- Aquele que se apega a Deus em amor (e não apenas por interesse ou medo).
- Aquele que invoca o nome de Deus com entendimento (e não de forma vazia).
- Aquele que vive com base na revelação do nome de Deus.

Por que ele é contemplado?

- Porque demonstra intimidade real — não apenas religiosidade.
- Porque vive em aliança — conhece o Deus de chesed (graça), emet (verdade) e tzédek (justiça).
- Porque sua vida reflete confiança ativa — ele anda no nome do Eterno.

A Relevância para as comunidades eclesial contemporânea.



Recuperar o sentido bíblico de “nome

Hoje, alguns segmentos religiosos usam o “nome de Deus” como uma fórmula mágica, sem compreender que, o nome, significa natureza, caráter, autoridade.

a) Conhecer os nomes como:

- Adonai-Rapha — O que cura
- El Elyon — O Altíssimo
- Yehová Shalom — O Senhor é paz... transforma a forma de orar, de louvar e de enfrentar as batalhas da vida.

b) Alimentar uma fé madura e reverente

- Uma fé baseada apenas em milagres e bênçãos pode vacilar. Mas quem conhece o nome de Deus se torna firme, pois sabe quem é Aquele em quem confia. “O povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e fará proezas” (Daniel 11:32b)

c) Preparar a igreja para tempos difíceis

- O Salmo 91 é muitas vezes recitado como uma “oração de proteção”. Mas essa proteção só é garantida àqueles que vivem em aliança, conhecendo e invocando o Nome com temor e verdade.

d) Transformar a adoração em intimidade real

- Muitos cânticos falam do “nome de Deus” ou “nome de Jesus”, mas sem profundidade. Conhecer os nomes divinos transforma o louvor em reconhecimento e submissão, e não apenas repetição.

Na tradição judaica, o nome de Deus é tratado com reverência, até mesmo com temor de pronunciá-lo em vão. Mas para os que O conhecem de verdade, o nome do Eterno é abrigo, escudo e promessa viva.

Tema recorrente nas investigações é o conceito de resistência cultural. Essa resistência se manifesta por meio da adaptação e modificação de práticas culturais para preservá-las diante de pressões externas. Scott (1990) argumenta que as formas cotidianas de resistência, ainda que sutis, desempenham um papel crucial na sobrevivência cultural. Exemplos incluem a prática de religiões sincréticas e a revitalização das línguas indígenas, elementos que expressam a resiliência das comunidades frente aos desafios contemporâneos.

Os nomes de Deus em diversas tradições religiosas possuem um profundo significado espiritual, refletindo atributos divinos. Na tradição cristã, nomes como Jeová ou Elohim são expressões da natureza de Deus, revelando características como onipotência e amor.



Você já parou para pensar que cada nome de Deus na Bíblia carrega um mistério profundo? Apenas lendo em português, perdemos camadas inteiras de significado! O livro "QUANDO CLAMARES O MEU NOME EU OS OUVIREI DOS CEUS".

Propõe desvendar os segredos ocultos nos nomes hebraicos de Deus e entender como conhecer esses nomes pode transformar sua vida espiritual!

A literatura não negligencia o papel que a memória coletiva desempenha na constituição das sociedades. Halbwachs (1992) sugere que a memória coletiva é construída socialmente através de estruturas de grupo, fundamental para a continuidade das identidades culturais. Dentro dessa perspectiva, rituais e práticas culturais são vistos como práticas de memória, essenciais para a reafirmação do passado e da identidade em contextos de constante mudança. Entre os judeus, a manutenção do nome de Adonai é precisa e respeitosa não sendo pronunciada de qualquer forma ou circunstância.

Explorando.

1. Nomes e Percepções - Na sociedade moderna, o nome de uma pessoa pode influenciar suas oportunidades e como é percebida socialmente. Um nome pode carregar estereótipos ou expectativas.
2. Mudança e Inclusão - Hoje, muitas pessoas optam por mudar seus nomes como uma forma de expressar sua identidade ou para inclusão em comunidades diferentes, refletindo uma sociedade mais diversificada.
3. Expressão pessoal - Nomes se tornaram uma forma de expressão pessoal. Em um mundo digital, onde os indivíduos escolhem como se apresentar, o nome é frequentemente usado para afirmar uma identidade única.

A importância dos nomes transcende a simples dicção; eles encapsulam identidades, culturas e espiritualidade. Reconhecer o poder de um nome é essencial para entender as relações humanas. A metodologia empregada também envolveu um compromisso ético profundo, com ênfase no respeito ao direito privado de professar qualquer credo religioso e às comunidades e práticas culturais estudadas.

Os estudos revisados apontam para a necessidade de um engajamento ativo na Estratégia de transformação cultural religiosa sendo propostas para equilibrar as influências globais, garantindo assim que a diversidade religiosa não apenas sobreviva, mas floresça no conhecimento e na graça da busca constante em conhecer os nomes do criado. Em suma, a revisão de literatura contextualiza o livro "QUANDO CLAMARES O MEU NOME EU OS OUVIREI DOS CEUS". dentro de um território acadêmico rico e dinâmico, enfatizando a importância do estudo contínuo das interações do ensino-aprendizagem em um mundo globalizado e interconectado, quebrando as barreiras da língua original das escrituras na "Antiga Aliança".



2.4 METODOLOGIA

O desenvolvimento do presente estudo, foi pautado por uma metodologia robusta e diversificada, que visou não apenas a compreensão teórica, mas também a aplicação prática dos conceitos estudados. A escolha metodológica pautou-se pela necessidade de um entendimento profundo das dinâmicas culturais, sociais e no tecido religioso, buscando integrar múltiplas abordagens que valorizam tanto o aspecto qualitativo quanto o quantitativo da investigação científica.

Para captar a complexidade do tema, foi adotada uma metodologia que oferece uma "descrição densa" das culturas, sendo uma ferramenta essencial para captar as nuances e significados das práticas culturais em estudo. Observações participantes, entrevistas em profundidade e análise de narrativas orais foram fundamentais para obter insights sobre as experiências e visões de mundo dos grupos estudados. Esta abordagem permitiu a imersão nos contextos culturais eclesiais, desprovidos de uma compreensão rica dos escritos bíblicos integrados as "Escolas Bíblicas Dominicais" nos seus meios.

2.5 RESULTADOS DA ANÁLISE METODOLÓGICA

2.5.1 Apesar de não explicitamente detalhada, a metodologia do trabalho revela uma forte inclinação para uma etnografia aplicada ao campo religioso contemporâneo, sobretudo nas práticas e compreensões simbólicas ligadas ao uso dos nomes de Deus nas comunidades eclesiais

Verifica-se o uso de:

- Narrativas orais como fonte epistemológica primária;
- Observações participantes em contextos de culto e ensino dominical;
- Análise hermenêutica de textos canônicos com lentes culturais e teológicas.

Essas estratégias convergem para o que Clifford Geertz denominou de "descrição densa" da realidade simbólica. Tal abordagem busca não apenas narrar fatos, mas interpretar os sentidos profundos contidos na prática religiosa do "chamar pelo nome".

2.5.2 Interpretação de Resultados como Desvelamento Metodológico

A natureza dos achados (e.g., o descompasso entre a liturgia contemporânea e a profundidade do nome de Deus em hebraico; o uso superficial da teologia do nome nos meios eclesiais) permite inferir a presença de um método indutivo-comparativo, orientado por:

- Coleta de testemunhos e impressões de campo com base na observação das comunidades religiosas;
- Contraposição com tradições judaicas clássicas, mediante consulta a fontes rabínicas (como Rashi, Midrash Tehillim) e análise linguística do hebraico bíblico;



Estudos de caso implícitos: evidência disso é a recorrência a episódios da vida eclesial e sua contraposição com os nomes e atributos de Deus no Tanakh.

2.5.3 Hermenêutica Teológica Integrativa e Análise Crítica Cultural

Nota-se o uso de uma metodologia multicamadas, que transita entre:

- A hermenêutica histórico-gramatical, aplicada na leitura de textos como Isaías 52:6 ou Salmo 91:14;
- A hermenêutica judaica tradicional – vide o uso da guematria, raízes hebraicas e paralelos com o Midrash;
- A crítica cultural contemporânea: há uma análise acentuada sobre a influência do sistema religioso greco-romano no silenciamento dos nomes hebraicos de Deus nas liturgias ocidentais.

Essa análise é claramente sustentada por autores como Hall (1997), Hobsbawm & Ranger (1983), Spivak (1988), o que demonstra interdisciplinaridade aplicada, mesmo que não formalizada metodologicamente.

2.5.4 Aplicabilidade Prática e Pesquisa-Ação Implícita

Os resultados obtidos têm implicações práticas claras, sobretudo no âmbito pedagógico e eclesial:

- O trabalho funciona como intervenção cultural e teológica, propondo mudanças no currículo das Escolas Bíblicas Dominicais e na liturgia congregacional;
- Impulsiona a revitalização linguística, especialmente do hebraico bíblico como ferramenta de intimidade com o Eterno;
- Recomenda o uso do método, “pomar das letras”. PaRDeS (Pshat, Remez, Drash, Sod) para futura exegese textual nas igrejas e seminários, o que mostra uma abertura para o ensino experiencial e dialógico (Freire, 1970).

2.5.5 Síntese Final da Avaliação Metodológica

A despeito de uma seção metodológica relativamente curta e descritiva, o corpo da obra revela de forma a posteriori a aplicação clara de um modelo híbrido metodológico, combinando:

- Etnografia religiosa
- Pesquisa qualitativa de campo
- Exegese bíblico-cultural com base no hebraico
- Pesquisa-ação teológica
- Análise crítica interdisciplinar



A metodologia, portanto, não é ausente apenas se manifesta através dos próprios resultados. O "resultado foi a metodologia revelada", conforme a lógica da fenomenologia aplicada. Isso, por si só, mostra um amadurecimento epistemológico no processo de produção do conhecimento.

Em conclusão, esse estudo foi cuidadosamente planejado e implementado para extrair uma visão abrangente e detalhada das dinâmicas nos contextos de aprendizados nas igrejas acerca dos nomes de Deus e o seu empenho no que se refere a inteligência espiritual a jornada de amadurecimento cristão.

As pesquisas foram conduzidas, garantindo o consentimento informado dos participantes e valorizando suas contribuições enquanto detentores e transmissores de saberes religiosos. Este respeito pelas fontes humanas de informação não apenas garantiu a responsabilidade ética, mas também promoveu uma colaboração frutífera e respeitosa entre pesquisador e comunidade.

A pesquisa pautada no **“CONHECER O NOME É CONHECER A ALIANÇA”** culminou em uma série de resultados significativos que lançam luz sobre as interações culturais e a preservação de identidades em contextos contemporâneos. A prática de chamar alguém pelo nome transcende a mera comunicação linguística; ela carrega um significado profundo no âmbito cultural, espiritual e até mesmo místico. Desde as tradições mais antigas até as sociedades modernas, os nomes exercem um poderoso impacto sobre indivíduos e comunidades.

Um dos principais achados revelados pela pesquisa é misto de desconhecimento, curiosidade e, interesse em conhecer os nomes de Deus extraídos do hebraico bíblico, haja vista não conseguimos entender em português, ou mesmo em outra língua. Observou-se que, em algumas comunidades, a transmissão Inter geracional de tradições greco-romanas permanece robusta, com eventos comunitários, rituais religiosos e festivais desempenhando papéis cruciais na manutenção da identidade coletiva. Bastide (2001) argumenta que tais práticas funcionam como bastiões contra a fragmentação cultural bíblica, uma nuvem observada pelos relatos de diversos participantes da pesquisa que enfatizaram a importância dessas práticas para a coesão espiritual nas comunidades religiosas.

O livro, **"QUANDO CLAMARES O MEU NOME EU OS OUVIREI DOS CEUS"**. mergulha na complexa tapeçaria dos nomes de Deus, explorando suas raízes, conotações espirituais, revelando o oculto com o auxílio da “guematria” das palavras hebraicas. e o impacto profundo que exerce sobre a identidade e o destino e, até onde as lideranças buscam amadurecer a sua membresia no conhecimento das escrituras em contextos originais, visto que estamos num mundo cada vez mais interconectados e dentro da engenharia do conhecimento, não há o que se falar em povos obtusos de conhecimento.

Em síntese, os resultados da pesquisa iluminam a complexidade das identidades junto as comunidades contemporâneas, revelando um panorama estático e adaptado sem transformação dos novos saberes juntos aos cristãos, ou seja, observar com facilidades “o mais do mesmo. Fácil de observar as lideranças que arrastam multidões na esfera digital, na sua boa parte, muito pouco acrescentam algo



relevante no aumento do conhecimento bíblico dos cristãos, se não com revistas e outros artefatos pertencentes a grupos religiosos que monopolizam o “saber”, porém, no re se refere a ensinarem como chamar pelo Deus pregado, nada é vislumbrado.

O estudo enfatiza a importância vital das tradições culturais na formação de identidades espirituais robustas, além de realçar a necessidade de maior conexão com Deus de modo sustentável para a sua preservação e valorização espiritual na relação entre Pai e filhos de um único “povo”.

2.6 DISCUSSÃO

A análise dos resultados da pesquisa acerca do livro "QUANDO CLAMARES O MEU NOME EU OS OUVIREI DOS CEUS". Oferece um terreno fértil para discussão, revelando a complexa tapeçaria das dinâmicas culturais religiosas ainda romanamente profundas e o desconhecimento é pleno na modernidade. A discussão aqui apresentada visa interpretar os achados à luz das teorias reprisadas, como, “mais do mesmo” o capital vinculado ao sistema religioso, tem uma vida espiritual rasa, longe de uma maturidade bíblica no que se refere a conhecer na intimidade o “seu Deus,” alimentando-se apenas dos pregadores e demais que usam os microfones.

Como sugere Tomlinson (1999), a globalização cultural não é linear nem unidimensional, mas um processo de negociação entre o global e o local. Em um mundo onde os nomes possuem poder e significado, chamar alguém pelo nome vai além de uma mera identificação casual — é uma forma fundamental de reconhecimento e conexão. Desde os tempos antigos até as interações contemporâneas, a prática de nomeação está profundamente entrelaçada à comunicação humana, refletindo as complexidades da identidade, da cultura e da espiritualidade.

A memória coletiva, portanto, emergiu como um tema central, com práticas culturais atuando tanto como âncoras no passado quanto como pontes para o futuro, garantindo a perpetuação das narrativas comunitárias. Com a evolução da linguagem, cresceu também a importância dos nomes, moldando estruturas sociais e identidades pessoais.

As questões contemporâneas de identidade religiosa, estão muito mais nas vestimentas, práticas internas na igreja, submissão muda e cumprimentos diversos, em troca, não se vê com frequência os debates, nas questões entre os adolescente, jovens e solteiros, mesmo os divorciados e viúvos. O estudo identificou um gap entre os muros da igreja e o mundo “secularizado”. Entendeu-se que as denominações não investem o suficiente junto à membresia os relacionamentos entre os diferentes, esquecendo que tem um mundo pujante com características diversas, “os não alcançados urbanos.” Com raras exceções sabe-se de comunidades preparadas para a inclusão dos grupos de “transtornos ou espectro diversos”, como: TDHA, autismos entre tantos em face a um mundo globalizado e interconectado..



A detecção de mudanças nas tradições, que permanecem enraizadas enquanto são reinterpretadas, confirma o conceito de "tradição reinventada na mesmice," permitindo que as práticas religiosas e culturais evoluam sem perder sua essência. Hobsbawm e Ranger (1983) argumentam que essa reinvenção é uma estratégia cultural vital para a sobrevivência, pois possibilita que as tradições se tornem relevantes às novas gerações, mantendo a continuidade cultural através da inovação de formato e design. Este aspecto instiga reflexões sobre a plasticidade da cultura eclesiástica como um veículo dinâmico de expressão e adaptação ao mesmo.

Ao longo dos séculos, os nomes evoluíram de simples identificadores para símbolos poderosos de cultura, herança e individualidade. O significado cultural dos nomes varia amplamente entre as sociedades, refletindo crenças e valores distintos. Seja em cerimônias tradicionais ou em interações cotidianas, a forma como nos dirigimos uns aos outros revela muito sobre nossa história comum e nossos caminhos divergentes, mais o sistema religioso insiste em perpetuar o desconhecido.

A discussão proposta revela a intrincada interação entre continuidade eclesiástica e o mundo a sua volta. O estudo destaca a vitalidade contínua das tradições enquanto enfrenta a pressão das forças globais, enfatizando a natureza adaptável das culturas religiosas. Esta perspectiva reitera a importância de estudos contínuos e intervenções colaborativas para garantir que o rico acervo bíblico nos contextos originais entre os povos possa ser disseminado e compartilhado para as gerações atuais e futuras.

2.7 IMPACTOS E APLICAÇÕES

A análise dos impactos e aplicações dos achados da pesquisa evidencia tanto as contribuições de outras correntes do cristianismo e o distanciamento do conhecimento de matriz hebraica quanto acadêmica deste campo de estudo. As naturezas multifacetadas das tradições culturais e eclesiásticas Greco-Romana, perpetuam e empobrecem o entendimento sobre a identidade cultural judaica nos seus hábitos e costumes quando direcionados ao “povo do Eterno”, mas também proporciona aplicações práticas que repercutem de forma significativa “as avessas” em diversos contextos contemporâneos.

Um dos impactos mais evidentes está na contribuição para o fortalecimento da identidade cultural e da coesão social. As práticas culturais tradicionais atuam como vetores de identidade coletiva, promovendo o sentimento de pertença e continuidade histórica em meio às crescentes pressões da modernidade e globalização. Nas tradições orientais, como o hinduísmo e o budismo, os nomes possuem simbolismo profundo, refletindo princípios espirituais, forças cósmicas e carma individual. Em contraste, nas sociedades ocidentais, os nomes frequentemente expressam laços familiares, status social e preferências pessoais.

Além disso, as práticas tradicionais examinadas têm um papel fundamental na continuidade do alimentar o sistema religioso longe da revelação e estudo da palavra nos contextos originais servindo como



mecanismos para a transmissão de valores espirituais e sociais entre gerações. Esta educação formatada, complementa e empobrece os sistemas formais de educação cristã, proporcionando uma aprendizagem pífia que não integra saberes tradicionais e conhecimentos contemporâneos, aliados aos conhecimento profundos dos estudos. Conforme destacado por Alexander (2009), esse tipo de aprendizagem é crucial para o desenvolvimento de uma cidadania engajada e culturalmente consciente.

Do ponto de vista acadêmico, o estudo das tradições, crenças culturais e espirituais amplia as fronteiras do conhecimento, da sacralidade dos nomes nas religiões abraâmicas. No judaísmo, cristianismo e islamismo, os nomes possuem um significado espiritual imenso, representando atributos divinos, promessas pactuais e legados sagrados. Desde o Nome Inefável de Deus até os nomes proféticos que transcende fronteiras terrenas e ecoa pelos céus.

Desafiando perspectivas tradicionais e revelando novas dimensões da experiência humana concernente a identidade em ter um nome. Essa inclusão amplia o escopo de estudos culturais e oferece uma compreensão mais completa e representativa da diversidade e complexidade das sociedades humanas (Spivak, 1988).

O uso ativo de línguas nativas, além de ser um ato de resistência cultural, também instiga maior engajamento comunitário e orgulho cultural. Conforme Crystal (2000), as línguas são portadoras de culturas inteiras, e sua revitalização garante que essa riqueza seja preservada para as gerações futuras.

Finalmente, a disseminação do conhecimento adquirido oferece um catalisador para o diálogo intercultural, interdenominacional e a promoção de uma coexistência pacífica e respeitosa entre as diversas culturas do mundo na preservação do uso do nome.

Os impactos e aplicações do estudo sublinham a importância crucial das tradições culturais em diversas esferas da vida humana. As tradições culturais não são apenas heranças do passado, mas ativos vivos e dinâmicos que continuam a moldar o presente e o futuro da humanidade.

2.8 LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Este, “**CONHECER O NOME É CONHECER A ALIANÇA**” apresenta as limitações que obstaculizam a propagação dos nomes de Deus, não obstante o pouco conhecimento dos preletores, pregadores autores de todos os tipos de mídia e redes sociais, quando reconhecidas, oferecem oportunidades valiosas para o aprimoramento de futuros estudos e melhor entendimento das Escrituras Sagradas. Refletir sobre essas limitações não apenas posiciona o estudo dentro de um contexto crítico e analítico, mas também pavimenta o caminho para recomendações que podem guiar esforços subsequentes em direção a uma compreensão mais abrangente e detalhada das tradições culturais religiosas.

Recomenda-se, portanto, que seminários e instituições confessionais de ensino aumentem a carga horária dos seus cursos dando ênfase na língua hebraica que além de rica tem encriptada informações



preciosas quando observadas nas lentes de padrões de estudos profundos como o no acróstico “PARDES”, comumente conhecido como “o pomar das letras.”

No que diz respeito às recomendações mais práticas, promover programas de treinamento e ensino da língua hebraica junto as “Escola Bíblica Dominical”. Não competindo com as instituições de ensino regular, mas, culturalizando o seu público interno, digo, o capital religioso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a análise multifacetada proporcionada por esse estudo contemplam-se as dimensões desdobradas ao longo dele: a resiliência e reinvenção das práticas culturais e tradicionais do sistema religioso, suas implicações para identidades coletivas, e a interseção entre tradição e modernidade anelado a historicidade e conhecimento da língua original. As considerações finais sintetizam a abrangência e as nuances das tradições rígidas em permanecer no continuísmo das preleções pouco aprofundadas, banqueteadando alimento raso com pouca consistência espiritual e baixo índice de crescimento do uso da inteligência espiritual, além de destacar a relevância contínua de sua preservação no contexto contemporâneo.

Os estudos realizados revelaram que as práticas eclesiais tradicionais, longe de atualizações nas metodologias de ensino, se não sustentam os vestígios do passado, são agentes ativos na formação de identidades dos crentes modernos. A tradição oferece um senso de continuidade e pertencimento que é essencial entre as denominações com raras exceções. As tradições operam como âncoras, reforçando o continuísmo nas comunidades.

Por um lado, a onipresença da tradição dominante está continuamente testando a durabilidade na perpetuação das tradições locais. Por outro lado, esse cenário também possibilita o surgimento de novos modos de expressão religiosa que combinam o familiar com o novo.

Neste contexto, tecnologias emergentes, como plataformas digitais de compartilhamento dos seus programas, celebrações e etc., podem desempenhar um papel significativo. Como sugere Jenkins (2006), a convergência de mídias e culturas digitais oferece novas oportunidades para a narração de histórias interativas e a preservação do patrimônio espiritual.

Por fim, as práticas religiosas se afirmam como pilares fundamentais para a construção do futuro, servindo tanto como plataformas para inovação contínua. Esse ilumina a capacidade de agir como um elo entre gerações, conceitos e conhecimento da identidade cristã, como “judaico-cristã” sendo um recurso inestimável para a construção de pontes entre os dois filhos do Eterno nessa terra, sendo Israel o seu filho primogênito (Êxodo 4:22) e, a igreja naturalmente irmã.

Integrar e respeitar essa diversidade não são apenas um imperativo ético, mas um meio de sustentar o vigor cultural religioso através das gerações vindouras. Num empenho renovado para estudar, proteger e



promover nossa herança espiritual bíblica, delinear um caminho que valoriza tanto o legado quanto a promessa do mosaico espiritual humano. O Deus de Israel, só tem um povo, uma noiva e não ao contrário.

A Bíblia, há várias passagens que falam sobre a aproximação dos gentios (não-judeus) aos judeus através da fé. Aqui estão algumas referências importantes:

1. Efésios 2:11-22: Este trecho fala sobre como Cristo quebrou a barreira entre judeus e gentios, fazendo dos dois um só povo. Em Efésios 2:14, diz: "Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um, e tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade".
2. Romanos 11:17-24: O apóstolo Paulo usa a metáfora da oliveira para descrever como os gentios foram enxertados entre os judeus, tornando-se participantes das bênçãos de Deus prometidas a Israel.
3. Atos 15:7-9: Na reunião do Concílio de Jerusalém, Pedro explica como Deus escolheu os gentios e lhes deu o Espírito Santo, purificando seus corações pela fé.
4. Gálatas 3:28: "Não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." Este versículo ressalta a igualdade de todos os crentes em Cristo, independentemente de sua origem.

Essas passagens mostram como o Novo Testamento enfatiza a unidade e a inclusão de todos os povos na nova aliança em Cristo. Daí entender que os nomes de Deus é comum a todos, então por que ficam ocultos. Como os filhos poderão conhecer o nome do seu pai se não ouvirem falar, e como falarão se não há quem ensinem. É nessa tapeçaria que esse estudo se lança objetivando a disseminação do conhecimento dos nomes de Deus. Tornando os praticantes conhecedores desse expediente extraordinário de conectar o homem ao divino

4 CONCLUSÃO

A conclusão deste estudo traz à tona as complexas e interconectadas realidades das práticas tradicionais em um mundo em constante transformação. Ao retomar os principais pontos abordados, fica claro que a investigação das tradições sócias eclesiais precisa avançar no conhecimento da plenitude dos tempos e oferecer insights profundos sobre a constituição da identidade, a coesão congregacional e os desafios contemporâneos da globalização e modernidade.

Essa capacidade de transformação, bem observada através do processo de "tradição reinventada," sugere um ciclo contínuo e mútuo de influência entre passado e presente. Além disso, a pesquisa destaca a dualidade das experiências culturais modernas: há uma possibilidade de integrar elementos externos sem comprometer a essência das tradições locais. Este fenômeno destaca a flexibilidade das denominações para assimilar e recontextualizar influências externas, mantendo sua relevância e vitalidade no mundo moderno.



Fazendo uso devido das mídias Sociais no que dissemina em grande parte o alcance da pregação a povos distantes, ou mesmo, os impossibilitados presenciais como vêm nos tempos do COVID19.

A igreja é essencial e, sem ela o mundo estaria já em constante colapso. No contexto das gerações mais jovens, foi identificado um delicado equilíbrio na transmissão de práticas dos cultos e, atividades diversas. As preocupações em torno da perda cultural entre jovens sinalizam a necessidade urgente de estratégias educacionais judaico-cristã que incentivem uma reconexão consciente com as tradições. Oriundas do “Israel Bíblico”, não há o que se falar dos festivais exarados no “sefer Vaycrá 23,” digo, livro de Levítico 23, como um pilar fundamental nesse processo, capacitando indivíduos a se apropriarem de suas histórias e culturas e a valorizarem a diversidade cultural como integrante da identidade do Israel único.

Ademais, a revitalização linguística e cultural se consolida como um componente crítico da preservação dos povos, ou seja, sendo um só povo como afirmou ap. Paulo em Efésios 2:14 . O esforço para restabelecer a língua menos falada, (hebraico) em contextos comunitários e educacionais e eclesiais não só encobre esses meios vitais de comunicação, mas também sonega as narrativas culturais ligadas a essa língua, e esse povo, os judeus. Esse compromisso não apenas promove a continuidade cultural, mas também preserva e empobrece o conhecimento e das perspectivas culturais que essa língua transmite, embora pouco pesquisada e explorada menos ainda nas congregações.

As tradições não apenas preservam a memória coletiva e fortalecem a identidade social através dos nomes, mas continuam a se expandir como veículos de inovação e interação global. Reconhecer e fomentar a vitalidade dos diversos nomes de Deus, é aproximá-los do “seu povo”, que, diga-se de passagem, tradições fortes e bem presentes como Roma e Grécia junto ao sistema religioso encobre como uma fumaça os nomes de Deus deixados na sua Escritura, infelizmente identificados apenas na “Língua Santa,” digo, o hebraico bíblico. O desafio agora é levar essas ideias adiante, garantindo que a preservação e a promoção dos nomes de Deus se tornem mais comuns entre os seminários e instituições eclesiais, nas congregações etc.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALEXANDER, J.C. *The Performance of Politics: Obama's Victory and the Democratic Struggle for Power*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1991.
- BANKS, J.A. *An Introduction to Multicultural Education*. New York: Allyn & Bacon, 2008.
- BARBER, B. *Jihad vs. McWorld: Terrorism's Challenge to Democracy*. New York: Ballantine Books, 1995.
- BHABHA, H. *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1994.
- CLIFFORD, J. *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.
- COHEN, A.P. *The Symbolic Construction of Community*. London: Routledge, 1985.
- COSTA, A. *O Sincretismo Religioso na América Latina: Um Estudo de Caso*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.
- CRYSTAL, D. *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- DENZIN, N.K. *The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods*. New York: McGraw-Hill, 1978.
- ELLEN, R.F. *Ethnographic Research: A Guide to General Conduct*. London: Academic Press, 1996.
- FEATHERSTONE, M. *Undoing Culture: Globalization, Postmodernism and Identity*. London: Sage Publications, 1995.
- FISHMAN, J.A. *Reversing Language Shift: Theory and Practice of Assistance to Threatened Languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- FOSTER, R.J. *Coca-Globalization: Following Soft Drinks from New York to New Guinea*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, 1973.
- GOMES, A.R. *As Festas Religiosas e Sua Influência na Coesão Social*. São Paulo: Editora USP, 2019.
- HALL, S. *Cultural Identity and Diaspora*. In: Rutherford, J. (Ed.) *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence & Wishart, 1992.
- HALL, S. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications, 1997.



- HALBWACHS, M. *On Collective Memory*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- JENKINS, H. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York: New York University Press, 2006.
- KRIPPENDORFF, K. *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2004.
- MENDES, L.F. *Políticas Culturais e a Preservação do Patrimônio Imaterial no Brasil*. Brasília: Iphan, 2021.
- NADER, L. *Up the Anthropologist: Perspectives Gained from Studying Up*. In: Hymes, D. (Ed.) *Reinventing Anthropology*. New York: Pantheon Books, 1972.
- RICHARDS, G. *Cultural Tourism in Europe*. Wallingford: CAB International, 1996.
- ROBERTSON, R. *Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity*. In: Featherstone, M.; Lash, S.; Robertson, R. (Eds.) *Global Modernities*. London: Sage Publications, 1995.
- ROCHA, L. *Quando clamares o meu nome eu os ouvirei dos céus*, 2025.
- SAID, E. *Orientalism*. New York: Pantheon Books, 1978.
- SCOTT, J.C. *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven, CT: Yale University Press, 1990.
- SILVA, J.P. *Narrativas Oraís e Identidade Cultural: um Estudo Comparativo*. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2020.
- SKUTNABB-KANGAS, T. *Linguistic Genocide in Education - Or Worldwide Diversity and Human Rights?* Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- SMITH, L. *Uses of Heritage*. London: Routledge, 2006.
- SPIVAK, G.C. *Can the Subaltern Speak?* In: Nelson, C.; Grossberg, L. (Eds.) *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988.
- TOMLINSON, J. *Globalization and Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- VANSINA, J. *Oral Tradition as History*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.